

Histórias da rua Santa Clara

Tavares Dias

A rua Santa Clara, localizada próximo ao Parque Moscoso, é um pouco do que resta das razões para que um dia Vitória tenha recebido a carinhosa denominação de Cidade-Presépio.

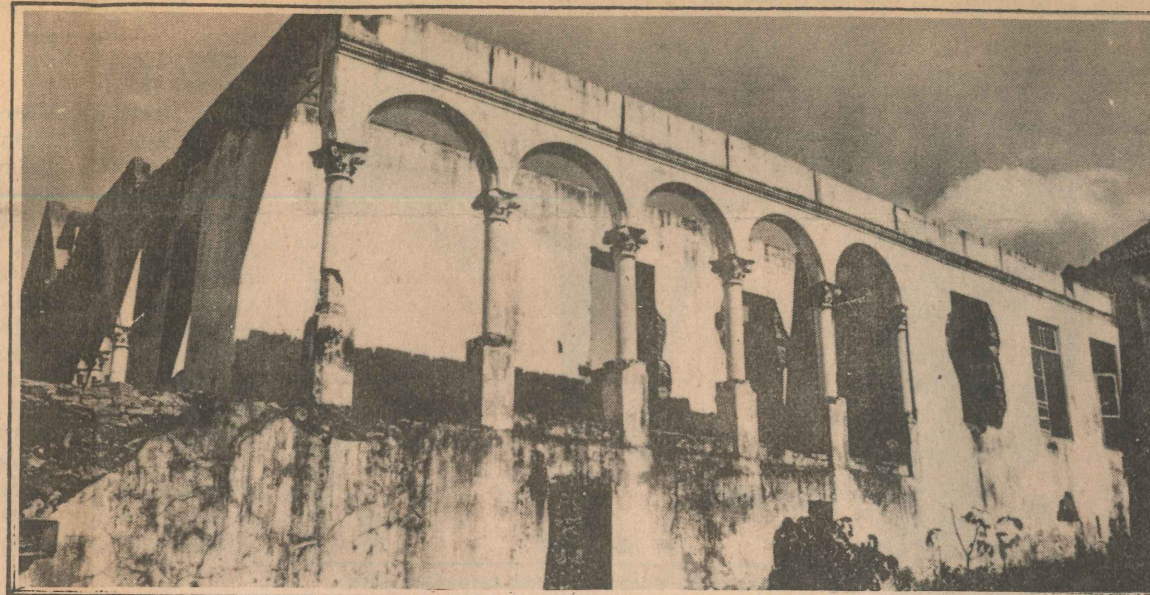
Ali, sob a sombra das árvores — algumas seculares — vivem pessoas que cultivam, na medida do possível, hábitos antigos e simples, como, por exemplo, tomar um cafezinho em casa de um amigo.

Nem tudo são flores, porém. O progresso desordenado começa a ameaçar o refúgio da comunidade. Algumas residências e carros começam a ser arrombados. Nem assim, porém, os moradores deixam de falar com orgulho da sua rua, em cujas curvas ficaram muitas histórias de um tempo em que “as pessoas tinham mais prazo, podiam se visitar e sair juntos, formando uma comunidade que parecia uma verdadeira família”.

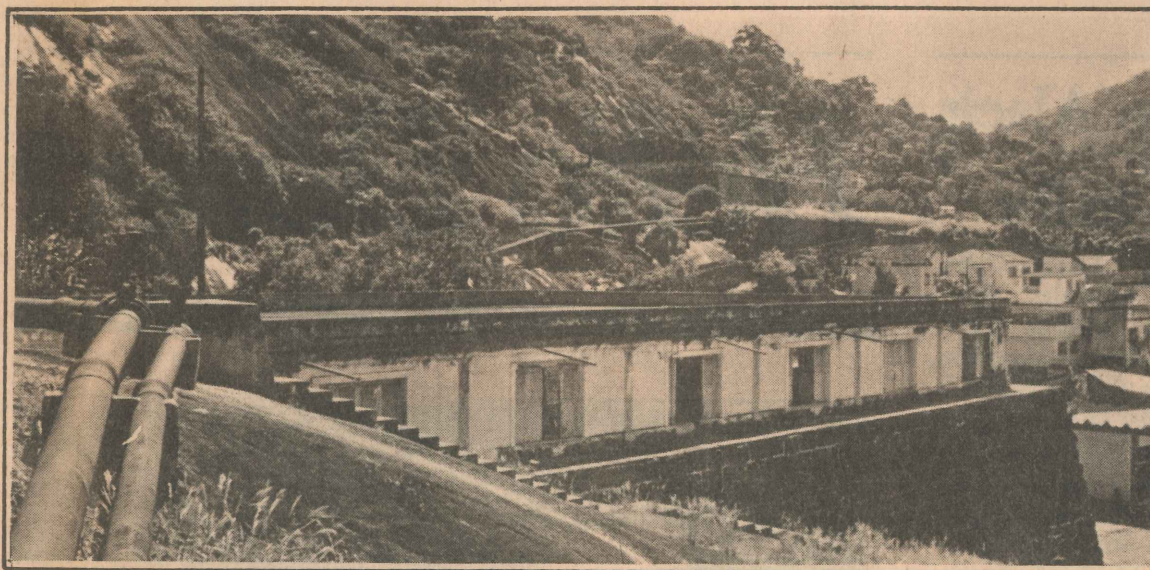
A) 20217



Bucólica, tranquila, a ladeira Santa Clara esconde um passado rico de histórias.



O Palácio Santa Clara, criado no governo de Nestor Gomes, virou orfanato e hoje é só ruína.



A primeira caixa d'água: o morro começava a ser povoado

Os arredores do Parque Moscoso, partindo em diagonal desde a rua Vasco Coutinho — esta, na verdade, uma travessa entre as ruas 23 de Maio e Afonso Braz — tem início a rua Santa Clara, que segue, em trajeto ascendente, até o local onde foi construída a primeira caixa-d'água de Vitória, no morro de Santa Clara.

Calçada com paralelepípedos e enfeitada por flamboyants, samambaias e outros tipos de plantas ornamentais e frutíferas, a rua parece ter conseguido o milagre de estar situada no centro da cidade e não sofrer a maioria dos problemas enfrentados pelas demais ruas e avenidas das proximidades.

O barulho do trânsito que flui em direção à Vila Rubim quase não chega até lá, mesmo nos horários de maior movimento. Tem-se, às vezes, a impressão de estar numa cidade de interior, tal o bucolismo e tranquilidade ali encontrados.

Apesar da topografia difícil, é comum verem-se crianças jogando bola na rua, ou brincando de pegar. Pessoas idosas descem bem cedo — algumas a pé — para as compras. Todos se cumprimentam e se conhecem pelos nomes.

A população predominante é de nível classe média-alta, a maioria dos moradores possui automóvel, e às casas antigas, que em vários casos foram passadas de pais para filhos — muitas vezes por até

muito do lugar, do ambiente e da clientela, que, segundo ele, é formada por pessoas boas e educadas, que nunca lhe causam problemas: “São gentis comigo, me tratam bem e eu gosto. Os negócios não vão muito bem, mas a tranquilidade que a gente tem aqui é uma coisa que acaba compensando”, diz ele.

É ainda José da Silva quem lembra a semelhança do local com cidades do interior. “Os aposentados se reúnem ora na calçada de um, ora na de outro, em manhãs de sol, e ficam contando casos, lembrando os tempos da mocidade, afirma.

No final da ladeira fica situada a Escola Maria Ericina Santos, estabelecimento no qual, curiosamente, estudam poucas crianças do lugar, sendo formada por alunos cujos pais possuem menor poder aquisitivo e residem nos morros próximos ao Parque Moscoso.

A professora Marinalda Nascimento Poltronieri, hoje diretora da escola, e que trabalhava nela há 18 anos, confirma que os filhos dos moradores da Santa Clara, que têm em geral maiores recursos, vão, em sua maioria, para outros estabelecimentos de ensino, quase sempre os melhores da cidade.

Uma curiosidade relativa à escola Maria Ericina Santos é uma parede que ficou internamente conhecida como o “muro da vergonha”, e que separa as

tomando parte nas celebrações ecumênicas que lá se realizam, aos sábados, colaborando na organização de festas e dando condições de melhor rendimento aos alunos carentes dos morros do Quadro, Moscoso, Bananal e Cabral.

A hora da saída, no final de um turno de aulas, é flagrante o contraste entre as crianças que brincam na ladeira e os alunos, geralmente de aspecto humilde e com predominância negra.

MUDANÇAS DE HÁBITOS

Mesmo procurando preservar os valores de uma rua tradicional, os moradores da Santa Clara vêm sofrendo algumas mudanças de comportamento impostas pela modernização da cidade. Embora ainda se encontrem, conversem e brinquem, já não o fazem com tanta frequência. E isso, segundo o médico Luiz Buaziz, antigo morador da rua, deve-se “ao fato de o mundo ter mudado muito, gerando com isso uma falta de credibilidade muito grande, de pessoa para pessoa. Antigamente, os vizinhos se reuniam com mais frequência, quase todas as noites, e era aquele bate-papo fraternal, amigável. Enfim, isso aqui era uma comunidade nata.

As novas gerações — continua Luiz Buaziz — já têm um modo diferente de ver

ausência dos jovens a essas reuniões, porque eles têm outros valores”, conclui.

Apesar de todo o bucolismo da rua Santa Clara, os efeitos do progresso desordenado por que vem passando a cidade já começam a deixar vestígios ali. Os moradores têm reclamado ultimamente de que com frequência vêm sendo arrombados residências e carros de moradores que — vítimas da difícil topografia da rua, que lhes impede de construir garagens — precisam deixar seus veículos sobre as calçadas.

Uma coisa é certa: quem mora na rua Santa Clara se orgulha disso. Apesar dos problemas que começam a surgir, inclusive com pessoas que se utilizam das ruínas do velho Palácio Santa Clara para encontros amorosos e uso de tóxicos, segundo denúncia dos moradores. Quem “criou raízes na rua” não deixa de defendê-la. As denúncias vêm, invariavelmente, acompanhadas de uma observação: “Isso é gente de fora que faz. Eles aproveitam a tranquilidade da rua, já que a Polícia quase não vem aqui”.

Ainda assim, a calma reina na Santa Clara.

As sete horas da manhã, uma ou outra janela se abrindo, um cheiro de café recém-coado e adolescentes descendo a ladeira, uniformizados. Um senhor de uns 70 anos molha o jardim. Fala com carinho dos filhos, do sacrifício para construir a

A cidade precisava de água potável e Jerônimo Monteiro elaborou um plano, a partir do rio Duas Bocas, de onde a água seria conduzida para a caixa principal, a ser construída no morro de Santa Clara. Data desta época a abertura de um caminho que levava ao alto do morro.

Maria Stella de Novaes, em seu livro *Jerônimo Monteiro — sua vida e sua obra*, descreve as festas da inauguração simultânea dos sistemas de abastecimento de água e energia elétrica:

“As 17h30m, eram, festivamente, inauguradas a luz e a distribuição de água, na capital do Estado. A da água realizou-se no morro de Santa Clara, para onde foram o presidente, o cel. Henrique Coutinho, especialmente convidado, e grande comitiva. A onda popular tomou a ladeira. Os melhores trajes saíram dos armários. Bandas de música. Foguetes espocavam! Girândolas...”

Em função da existência da caixa-d'água, o local começou a se povoar. Era então apenas um caminho de terra batida e de difícil acesso. Os primeiros moradores começavam a se instalar.

PALÁCIO SANTA CLARA

No governo de Nestor Gomes nasceu a idéia de se construir, no topo da Santa Clara, a residência de repouso do governa-

vice-cônsul de Portugal no Estado, o prédio passou a ser administrado por aquele órgão, vindo a ser criado ali o orfanato Santa Luíza, sob orientação das freiras da Ordem das Irmãs Vicentinas.

Exclusivo para moças, o orfanato, além de abrigar meninas vindas principalmente do interior, ensinava-lhes atividades várias, como tecelagem, tapeçaria e corte e costura, visando prepará-las para o que se esperava de uma moça da época.

Alguns anos depois, a Santa Casa decidiu transferir o Orfanato para a Reta da Penha, junto à Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia (Emescam). O antigo prédio passou a ser então o Centro de Tratamento Rápido, um hospital para tratamento de doenças venéreas.”

Durante todo esse tempo, a estrutura do Palácio, sofrendo as intempéries e o descaso das autoridades do patrimônio histórico, ia perdendo peças importantes. Seu salão de baile, suas escadarias, colunas, estátuas e arcos foram, pouco a pouco, sendo destruídos ou roubados.

A essa época, já a escola Maria Ericina Santos havia sido transferida da Vila Rubim para os fundos do hospital, utilizando-se inclusive de algumas dependências dos fundos do prédio.

A proximidade de estudantes com

apesar da topografia ímproba, e com um terem-se crianças jogando bola na rua, ou brincando de pegar. Pessoas idosas descem bem cedo — algumas a pé — para as compras. Todos se cumprimentam e se conhecem pelos nomes.

A população predominante é de nível classe média-alta, a maioria dos moradores possui automóvel, e às casas antigas, que em vários casos foram passadas de pais para filhos — muitas vezes por até três gerações — vão, pouco a pouco, misturando-se pequenos prédios de apartamentos, de linhas arquitetônicas variadas.

Segundo moradores, é raro alguém se mudar da rua. Quando isso acontece, geralmente se deve a problemas de saúde, por se tornar difícil aos idosos o acesso ao alto da ladeira e às longas escadas que levam à maioria das casas. Todos eles falam com orgulho do lugar, e não raro os olhos dos mais antigos brilham de emoção, quando se referem aos "velhos tempos", uma época em que "as pessoas tinham mais prazer e a rua parecia uma só e grande família".

José Clímaco da Silva, dono de uma oficina sapataria — "só para consertos", faz questão de frisar — que fica no número 114 da Santa Clara, afirma gostar

trabalhava nela há 18 anos, confirma que os filhos dos moradores da Santa Clara, que têm em geral maiores recursos, vão, em sua maioria, para outros estabelecimentos de ensino, quase sempre os melhores da cidade.

Uma curiosidade relativa à escola Maria Ericina Santos é uma parede que ficou internamente conhecida como o "muro da vergonha", e que separa as instalações da Escola das ruínas do que um dia foi a residência de repouso do Presidente do Estado, à época o coronel Nestor Gomes.

Segundo Marinalda Poltronieri, o prédio do então já desativado e abandonado Palácio Santa Clara serviu, durante algum tempo, como hospital para tratamento de doenças venéreas, o que causou problemas, dada a proximidade dos alunos com os doentes. Foi quando surgiu a idéia de isolar a Escola da antiga construção, tendo então surgido o "muro".

Na rua Santa Clara residem pessoas de várias famílias tradicionais no Estado, como os Chiabai, os Zanotti, os Buaziz e outras. Essas pessoas, de acordo ainda com a diretora da Escola, participam ativamente na Associação Escola-Comunidade de modo filantrópico e religioso,

trabalho de mundo ter mudado muito, gerando com isso uma falta de credibilidade muito grande, de pessoa para pessoa. Antigamente, os vizinhos se reuniam com mais frequência, quase todas as noites, e era aquele bate-papo fraternal, amigável. Enfim, isso aqui era uma comunidade nata.

As novas gerações — continua Luiz Buaziz — já têm um modo diferente de ver as coisas, e isso gera um afastamento. Lembro-me da época em que os amigos defendiam a honra e a personalidade das moças do lugar, como se todos fossem membros de uma só família. Se os amigos saíam para uma festa, por exemplo, as crianças e os adolescentes ficavam sob os cuidados de um vizinho que não queria ir. Éramos uma comunidade que vivia as mesmas dificuldades e desfrutava das mesmas alegrias, numa integração perfeita. E isso falta, de certa forma, no mundo de hoje.

"O velho cinema Politeama" — acrescenta — "nas segundas-feiras exibia uma sessão-colosso — tinha suas primeiras filas marcadas para o pessoal da Santa Clara, do Moscoso. Hoje, estamos tentando, através de reuniões periódicas, reunir os amigos como antigamente. Só que a gente sente uma diferença: a

de gente de fora que faz. Eles aproveitam a tranquilidade da rua, já que a Polícia quase não vem aqui".

Ainda assim, a calma reina na Santa Clara.

As sete horas da manhã, uma ou outra janela se abrindo, um cheiro de café recém-coado e adolescentes descendo a ladeira, uniformizados. Um senhor de uns 70 anos molha o jardim. Fala com carinho dos filhos, do sacrifício para construir a casa, conta sobre os netos que o visitam de vez em quando: "Isso aqui é um dos poucos lugares da cidade onde ainda se encontra paz. E essa paz a gente luta como pode, para preservar. Só Deus sabe até quando, mas a gente luta assim mesmo".

De manhã, nos coqueiros e flamboyants da rua Santa Clara, ainda cantam passarinhos.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Foi no governo de Jerônimo Monteiro (23/05/1908 a 23/05/1912) que o morro de Santa Clara começou a ser trabalhado. Preocupado em oferecer melhores condições de saúde à população, o presidente empenhou-se a fundo no trabalho de saneamento. Na região do centro, fez aterrar o Largo do Campinho, hoje Parque Moscoso.

Em função da existência da caixa-d'água, o local começou a se povoar. Era então apenas um caminho de terra batida e de difícil acesso. Os primeiros moradores começavam a se instalar.

PALÁCIO SANTA CLARA

No governo de Nestor Gomes nasceu a idéia de se construir, no topo da Santa Clara, a residência de repouso do governador. E o historiador Serafim Derenzi, em **Biografia de uma Ilha**, comenta:

"Nos dois primeiros anos do governo de Nestor Gomes a cidade se congelou. Foram praticamente interditadas todas as obras particulares da cidade alta, na Praça Costa Pereira, na rua Jerônimo Monteiro e na zona da Capixaba. Muitas demolições e projetos discutíveis se anunciavam. De positivo resultou a abertura da rua Santa Clara, ligando o Parque Moscoso ao reservatório de água, estreita de seis metros com rampa superior a 15 por cento.

No alto da Santa Clara se construiu um mostrengo, destinado à residência presidencial".

Findo o governo de Nestor Gomes, o Palácio Santa Clara foi, gradativamente sendo deixado de lado, até que, sendo provedor (da Santa Casa de Misericórdia de Vitória) Alberto de Oliveira Santos, então

historiador, permitiu peças importantes. Seu salão de baile, suas escadarias, colunas, estátuas e arcos foram, pouco a pouco, sendo destruídos ou roubados.

A essa época, já a escola Maria Ericina Santos havia sido transferida da Vila Rubim para os fundos do hospital, utilizando-se inclusive de algumas dependências dos fundos do prédio.

A proximidade de estudantes com portadores de doenças venéreas começou a gerar polêmicas e optou-se por construir um muro que pudesse isolar completamente os dois estabelecimentos. Com a posterior desativação do Centro de Tratamento Rápido, a ex-residência de repouso do governo do Estado ficou definitivamente abandonada, restando hoje apenas algumas colunas e restos do piso e da escadaria, além de uma pequena ala, habitada por indigentes.

Para os moradores da rua Santa Clara, que, inclusive, desconhecem a origem do nome da rua, "é uma vergonha deixarem um prédio de tal importância ser destruído pelo vandalismo de pessoas inconscientes, quando poderia estar aí, restaurado, servindo inclusive como atração turística para a rua".



Cecília Nascif

O que foi feito da antiga praça da Catedral?

Nilo De Mingo

O capixaba deve estar perguntando a si mesmo porque até agora a Prefeitura Municipal de Vitória, que vem realizando obras em praças e escadarias da cidade, não manifestou a intenção de dar à praça Dom Luiz Scortegagna — a praça da Catedral — sua antiga imagem, com o chafariz e o lago. O chafariz foi retirado e o lago existente aterrado há poucos anos sem qualquer explicação. No lugar foi plantada grama, que hoje sequer é tratada. Da antiga praça, local de encontro de casais de namorados, nada restou. A iluminação feérica tirou todo o romantismo da praça e hoje só serve para iluminar as peladas que os garotos fazem à noite naquela área.

Da antiga praça restam ainda os quatro pilares, colocados um em cada extremidade do antigo lago, à base do chafariz, soterrada, e o contorno do que foi o lago. O fosso que o cercava e que servia de acesso para a realização da manutenção do chafariz não se sabe se foi aterrado também, pois resta apenas a entrada junto a um dos pilares. Segundo a professora do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, Cecília Nascif, a desfiguração da praça não é um fato isolado na cidade de Vitória. "Não é somente aquela área da Catedral que foi desfigurada. A cidade toda vem sofrendo esse processo. Vitória vem de ano a ano perdendo sua memória, sua história".

A praça da Catedral durante muitos anos serviu de ponto de encontro para namorados e para os jovens que moravam naquela região da cidade. Havia, inclusive, uma turma que se rivalizava com a turma da antiga praça da Prefeitura, na rua Sete de Setembro. A professora da Ufes, Beth Osório, se lembra da

antiga forma da praça, com seu lago, o chafariz e o fosso. "Nós brincávamos ali e entrávamos no fosso. A água do lago era limpa. Não sei se hoje, caso o chafariz fosse recolocado e o lago reconstruído, a água seria mantida limpa como antes".

A professora Cecília Nascif também se lembra da antiga praça. "Era um lugar muito bonito. A água era clara. Depois sumiram com o chafariz e o lago foi aterrado. Chegaram mesmo a plantar um pinheiro de frente ao antigo lago mas, felizmente, ele foi retirado. Não sei bem do porquê dessa mania que o brasileiro tem de plantar pinheiro. Talvez estejam esperando que um dia caia neve na cidade para que ele fique igual às cidades européias ou norte-americanas. A noite a praça era frequentada por casais de namorados que ou se sentavam no parapeito do lago ou ficavam circundando o local".

Sem qualquer tipo de arborização, a praça Dom Luiz Scortegagna é hoje um local para os garotos que moram na cidade alta jogarem futebol, na rala grama plantada no antigo lago, grama esta que sequer é cuidada pelo setor competente da Prefeitura Municipal de Vitória. Durante o dia a área mais parece um posto de serviço para carros, com lavadores fazendo do local sua área de trabalho. Algumas pessoas argumentam que se a Prefeitura tivesse, ao aterrar o lago, feito a arborização da praça e um jardim no local do aterro, ela teria ficado melhor.

"Fiquei alguns anos fora de Vitória e ao retornar à cidade vi a praça da Catedral totalmente modificada. Secaram o belo lago e o chafariz foi tirado dali. No local plantaram

grama e nada mais. A praça perdeu totalmente sua beleza. Se pelo menos tivessem plantado árvores e no ponto aterrado feito um jardim, a coisa teria ficado melhor, mas não fizeram nada disso. Hoje a praça está abandonada e esquecida pela administração municipal", disse um antigo morador das proximidades da praça, mas que não revelou seu nome por motivos que ele considera "pessoais". "Poderia me trazer problemas devido às amizades que tenho com homens que hoje estão nos principais cargos administrativos do Estado."

Mas na opinião de Amélia Costa, que reside em Maruípe e que todos os domingos, há muitos anos, vem à missa da Catedral (ela se acostumou a frequentar a praça Dom Luiz Scortegagna desde os tempos do chafariz e do lago) o melhor mesmo era a Prefeitura devolver para o capixaba a praça como ela era antes. "Pelo que se comenta, a base do chafariz ainda está no local. A Prefeitura está remodelando muitas praças na cidade e nada custaria ela fazer o mesmo com a praça da Catedral, recolocando o chafariz e fazendo novamente o lago que ali existia e que era bonito e cuidado".

Doña Amélia comenta que se isso fosse feito, daria mais beleza ao local. "Bem que a Prefeitura poderia fazer essa modificação. A praça ganharia mais vida e voltaria a ser frequentada como era antes. Acho ainda que a iluminação precisaria ser mudada. A que existe hoje tirou todo o romantismo que havia no local".

Os funcionários da Catedral preferiram

não falar sobre a questão, alegando que a praça não pertence à igreja, e que a sua manutenção e conservação são competência da Prefeitura. "Isso não é conosco. É com a Prefeitura de Vitória. Acho apenas que a praça era bem mais bonita antes, com o chafariz e o lago", disse uma mulher que auxilia nos serviços da Catedral.

As pessoas mais jovens que hoje passam ou frequentam a praça desconhecem que ali existia um lago artificial com um chafariz ao centro. O garoto Carlos Roberto Lucas, de 12 anos, não se lembra do chafariz. "Passo por aqui e vejo sempre um pessoal jogando bola à noite. De dia a praça é tomada pelos lavadores de carro. Pessoalmente, não me lembro do lago, mas já ouvi meus pais falarem alguma coisa sobre isso. Acho que a praça ficaria mais bonita, mas se fosse feito um jardim também ficaria".

A professora Cecília Nascif, por sua vez, prefere ver a desfiguração da praça da Catedral num contexto mais amplo. Para ela, Vitória, como um todo, vem perdendo sua memória histórica. "Não existe na cidade preocupação de se preservar o que há de belo e tudo aquilo que tem um significado para a memória da cidade. As antigas casas da cidade estão desaparecendo. A Catedral, que ficava em um ponto bastante visível, de qualquer parte do centro da cidade, hoje está cercada de prédios, engolido no meio dos prédios. Já a praça, ela não é nem representa nada do que foi para muitas pessoas. Hoje ela é um local árido, sem vida e que, por isso, não motiva as pessoas a frequentá-la".

status MOTEL **muita classe**

Novas suítes especiais, com luxuosa decoração, camas vibratórias, piscinas térmicas com hidromassagem, cine privê, segurança permanente e brinde surpresa.

Status Motel, mais do que uma opção sua escolha definitiva.

Rod. Vitória-Jacaraípe, km 2
PABX 228-1833